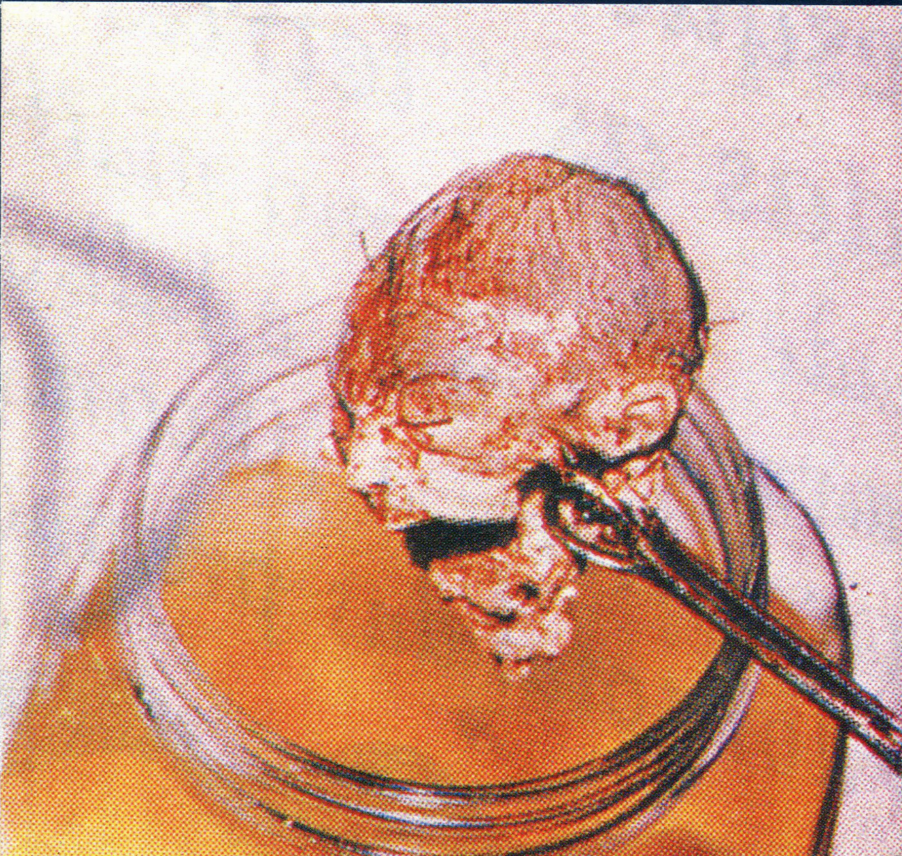
HUMBERT R.

ESQUELETOS LEILOADOS



Humberto R.

Esqueletos Leiloados

Edições Mortas

Esqueletos Leiloados

Autor: Humberto R.

Direcção Gráfica:
A. Óscar Morado

Capa de:
Meireles de Pinho

Impressão:
Graficar, V. N. Gaia
Porto 2002

Uma publicação Edições Mortas
Apartado 4602
4011 Porto Codex

ISBN
9728313284

Depósito Legal
186578/02

Esqueletos Leiloados

Já que sentir é primeiro
quem presta alguma atenção
à sintaxe das coisas
nunca há-de beijar-te por inteiro

e.e. cummings

Alegorias

Sê forte e segue pela linha vertical. Não deformes a língua, o pálato gasta-se com facilidade. Usa a bússola nos invernos. Dois pólos opostos e nem um sinal de trânsito. À beira do desastre S. Cristóvão ajoelha-se e pede ao Menino um milagre. Os demónios inquietam-se. Defumadouro. O ar cheira a rosmaninho e alecrim.

Os sátiros baloiçam na corda bamba. As televisões fazem um directo. Ouvem-se palmas e assobios. Um deles revela-se mais inábil e fica dependurado pelo pescoço. Da multidão ergue-se um OH!. O morcego, neste caso os sátiros são morcegos, rodopia em si mesmo e desata o fio que o prendia. Cá em baixo, quase em extase pela façanha, um empresário apressa-se a pedir-lhe uma prestação no show da noite. Essas coisas a mim provocam-me ejaculações, responde-lhe o sátiro ao mesmo tempo que esvoaça veloz para o telhado do Intermarché de Gaia.

Uma víbora vai brincando entre as coxas de Ciciolina. Um camera-man aproxima-se para obter um grande plano. A víbora emociona-se e esconde-se dentro do sexo da actriz. Dois irmãos siameses que assistem à perfomance sorriem e batem palmas numa sincronia perfeita. A actriz, passada a supresa inicial, extrai da garganta um pénis de borracha e começa a lambê-lo. Depois duma leve pressão dos dedos um feto minúsculo sai pela uretra e pousa-lhe na língua. Ela ergue-se e abre os braços sorridente. É feito de chocolate esclarece ela junto da plateia. Apesar de tudo as luzes do palco permaneceram apagadas.

É um falo ou a crina dum cisne. O lago ainda está a uns bons metros. O hospital é mesmo ao lado. Na rua em frente fica a morgue. Os cabos dos carros eléctricos servem agora de poiso às gaivotas que defecam para os automóveis estacionados. Delícias e almas sufragadas. Cachos de cabelos à hora de visita. Coxos e imberbes, corpos deformados e cadeiras de rodas. Sirenes das ambulâncias parecem montículos de pús avermelhados. Uma luz única vermelha ilumina o placard: Urgência. Dois dedos de conversa e um polícia coça o cu. A fachada do Hospital está coberta de excrementos e ervas. Óptimo para pedras tumulares.

A ópera infindável. Cortejo de homens e mulheres condenados à sufocação pela inércia. Húmus diria Raul

Brandão. No monte Sinai sobrou uma tábua. Morrerás pela inércia, lê-se na gravação. Parsifal toca flauta, enquanto Vasco da Gama rouba umas galinhas para matar a fome. É uma pena o teatro estar vazio. A peça em cena até é interessante. No último acto até há uma actriz que faz um broche ao espectador que se manteve mais atento. A numeração do bilhete é que tem de ser ímpar.

Em S. Bento os deputados lêem a sina uns aos outros. Outros peidam-se ou desfolham a revista das actualidades. A maioria contenta-se em dançar no alto dum estrado enquanto o presidente da assembleia dormita. Quando lhes dá para predizer o futuro pedem a presença da imprensa e da tv. Mas já ninguém esmoleia para aquele ofertório. Só os que andam à cata de soluções para a prisão de ventre se esmurram nas galerias destinadas ao pôbo para obterem umas gargalhadas que de algum modo lhes alivie a tripa. Normalmente as predições são anedotas de Bocage e estrofes truncadas do velho Bandarra. O povo não se apercebe de imediato do embuste. A lentidão do raciocínio leva-os a arremessarem tremoços, amendoins em cápsulas de garrafa, com o intuito de fazer despertar a genialidade aos representantes da nação. A confusão instala-se. Então lá do meio do hemiciclo ergue-se um douto homem, rosto austero, ar compungido, fato manchado por perdigotos e alto em bom som desabafa: não me pagam para isto.

Deísta, místico, escalavrado, tombado por dentro, agrilhoado pelos dedos, dependurado pela esperança, crâneo descoberto, golpeado ainda jovem na glande e no ânus, inclassificável, desnudado, húmido na sua misericordia cristã, rodeado de asperezas e solicitações, o bolso roto de moedas, cartões de crédito, filas de espera e monóxido de carbono, os catálogos das novas feiras a abarrotar-lhe a pança, o relógio monocórdico, os domingos trucidados pela gordura do almoço e da sesta cheia de nevralgias, o frenesim a fazer tombar o cabelo, o espelho mágico, os sapatos cambados, o cão do vizinho, a camisa por burnir, as manchas do tabaco e da idade a encastelar a pele, a rasgar os jornais dos anos dourados,a esmola do ordenado, a escada empinada, o horário, a bebida apeticida, as mãos colhadas, as palavras que pesam e não são lavadas na espuma nívea, o mal invisível que alastra e a janela que não fecha na hora tardia, as recordações que açambarcam a memória, as lágrimas que não são mais de água mas de gélido ácido corrosivo, em que tudo é mais impreciso, um barco enrolado na tempestade, enjoado ao pão e ao resto, dorido como se um inimigo habitasse no estômago e o dia seguinte que se segue aumentado ao tempo percorrido, aos bocados, estilhaçado a promessas e pragas, muros que se erguem, o sangue que não percorre todas as veias, a cabeça que gira, doente, sempre doente, fado sangrado verdadeiro, os santos que foram traídos, os heróis que desesperados abandonaram a clareira e deixaram o deserto, o bem e o mal que se cruzam e se cumprimentam, os candeeiros que encandeiam mas não iluminam,

os jardins abandonados e os bancos quebrados, e os cheiros passados agora oleados standarizados como lixívia. A carne e o osso dos homens que agora ancorados num invólucro imaginário são cabedal, papelão, alumínio, os amigos que já não são ou se foram para bem longe, ou morreram, ou desistiram, a cidade que deixou de ser a de todos para ser condormente com paraízos vidrados e infernos vedados proibídos. Agora animal acossado refrigerado entre as condutas minimais, cabeça inclinada, uniforme envergado, clamo por todos os infernos contra a parede deste paraízo até que a morte amigável me devolva de novo toda a verdade esvaída.

Amanhã ainda estarei cá. A catar chagas e oculta-las dos olhares famélicos dos curiosos. Não deverei falar de princípios. Trata-se apenas duma imagem. Poderei contar com a memória, a imaginação mais fecunda e criar um cenário capaz de revelar a sede de espectaculo e figurinos irreais. Urge manter o equívoco. Ligar a música e deixar a imaginação correr até se estatelar no inverosímel. Furar o cenário e encontrar o lado oposto do espelho. Estão reunidas as condições para a construção do palco aonde se desenrolará o teatro dos dias e das noites que caso a inspiração ajude se irá erguer a singela criação.

Desperto e cabeça erguida, a tentar arrumar os diversos estados mentais de modo a evitar o caos, a desordem mais inútil, o lixo. Olhos atentos ao desenrolar do inevitável artifício, espectáculo grátis fornecido pela imaginação alimentada a milhões de fotogramas. Cada gesto conta, cada palavra entra no índex das utilidades. Muito cuidado, portanto. Não se pretende ser subjectivo, mascarar fraquezas com cabalas e armadilhas carregadas duma sabedoria obscura e inacessível. A ideia é transformar o diálogo liso como carris de eléctrico. Polido o mais possível. Uma ranhura duma fechadura aonde a chave é a curiosidade do utilizador. Estar no meio da batalha e matar o inimigo. Construir fantasmas. Tornar a noite uma obsessão, os dias que se seguirão o crepúsculo. Não existe equilíbrio nem a singular quietude típica dos exaustos construtores dos infernos quotodianos. Assumir a representação deste papel até atingir o lanho aberto na carne e transformar as dores do acto num aflorar contínuo de imagens e situações às mais inverosímeis e desconexas possíveis. Nada de pedir delicadeza ou presunção dum santo. Era o que me faltava. Eu aqui determinado em observar as vossas tripas que impunemente exibis dia a dia e mandais-me catar pulgas para o Saara. Alguma vez serei metediço, um inconveniente, contra aqueles prototipos seres normalizados na perfeição, disponíveis nas filas de desesperados à porta dos centros de emprego. A preocupação de momento é manter-me emocionalmente estável. Não entrar em histeria. Não abanar a cabeça aos sábados à noite nos rave de mal saúde e arrotos de ectasy. Entrar nos becos sem saída e uivar à lua.

Sem pressa nenhuma. Sentado no rebordo do muro aguardando o hálito sereno da sábia quietude. Os fantasmas não param de me rodear e ensandecer. Pataca aqui, virtualmente acolá, a lonjura e o intangível, as lendas e a floresta de sombras densas e desconexas construindo o chão aonde agora me sento. Espera aí e não te canses. Sabes, o irremediável faz tampas de caixões por que não bebes uma Super Bock ? Pois, pois, já agora de que me alimento? paixões vãs e música acid. E amar paredes e prantos audíveis apenas quando a manhã se esforça por se erguer. Ao observador exige-se um princípio, ser espectador e não interveniente no massacre. A tua cidade está pontilhada de buracos negros. Bocas abertas em gritos, multidões prisioneiras deste mal viver fluindo para os seus tugúrios como se se escapassem dum bonbardeamento. Não me podes dar uma outra panoramica? Ou tudo termina quando o rio se enrola e se aninha no ventre do mar? A viagem termina aqui. Sobram os solilóquios, múrmurios tenues apenas escutados pelo Velho que no Restelo adormece no seu trapézio mágico.

As palavras. As outras que se despedaçaram e os seus fragmentos espalharam-se ao longo da fronteira que ladeia a cloaca que engole os restos da deglutinação.

Agora quando tudo se torna irremediável pela veloci-

dade da digestão, no palco perfilam-se os actores. Quase não vale a pena dialogar com eles. São surdos-mudos. Agrada-me contudo dispôr diante deles a mecânica gerada nas suas entranhas. Não tenho que os aplaudir, tão pouco compreendê-los. Existem e isso basta-me.

Que podem eles contra o desespero? da morte que os afaga diariamente como uma amante enlouquecida ávida do seu corpo e do nosso sangue. Aturar os caprichos dos mandantes, os seus tiques e as suas ordens, as suas perorações, as suas ideias democráticas a bem da nação e da puta que os pariu numa manhã cinzenta e calma no último acto da tragédia lusa. E nada acontecer. Tudo se conjuga.Tudo se mistura.
O riso e o louco, o pateta e o executivo, a esquecerem-se das marcações no palco, a confundirem o papel e o seu lugar devido ao papel que lhes foi atribuido. Não é dificil perceber. Estão ali domesticados, meras peças decorativas desse instável equilíbrio entre a tragédia e a comédia. Batam palmas! eles neste momento vergaram-se. Estão cansados, quase vomitam, indefesos perante a sua revelada inutilidade.

A bandeira que no cimo da colina flutua. A figuração da lenda e do desastre em partes iguais. Agora da caixa das supresas soldadinhos de chumbo adquirem vida própia

e demonstrando a sua eterna obediência ao dever fazem continência. O dever e afirmação da virilidade desprovidos de qualquer preocupação moral. São simples fragmentos da mesma crueldade que fornece o brilho ás medalhas dos vitoriosos e coroas de flores aos tombados na trincheira comum.

A estrela inacesível a que afagará o rosto no derradeiro momento antes do herói partir. Sem figurinos nem cenários, só um fugaz olhar ao cume do céu que tal como um baptistério aguarda o corpo dos inocentes despojados de esperança e a tranquila certeza de tocar nas vestes do Deus omnipotente e misericordioso. E na névoa dos dias indecisos, a seguir ao afogamento das dúvidas e de todos os pecados inquestionáveis, nu como toda a matéria inerte, por fim livre ser poeira que polvilha o manto infinito do universo.

Mas não, não abandones o teu quarto sem primeiro te despedires das sombras que lentamente te ossificam. Aonde escondes o teu tesouro? tu tens um tesouro. Feito de nadas, reflexos e sombras pouco mais. Não penses que te libertas da tua canga com um simples encolher de ombros. Tu és o Sísifo do seculo XX. Tu possuis recordações, tu amas alguém que te encerrou a porta para a felicidade possível. Oh! o amor está a um preço insuportável. Bem gostaria eu que agora escrevo poder indicar uma saída. Não me canso em pensar nisto

mesmo, nas portas que se fecham, nos homens que se abandonam a si mesmos pensando encontrar uma saída no mar fatigado das suas emoções já petrificadas, chupadas até ao tutano pela fadiga do seu diário calvário. Despojados de tudo, de dignidade e substância. De pés e alma dorida. Nem o choro mais convulsivo nem as lágrimas drapeadas à mágoa mais profunda irão comover os deuses que te contemplam no cimo do seu extactico Olimpo. Nasceste só e assim te despedirás da tua rastejante existência. Nem os mais belos olhos da Pietá te demoverão desse recalcado destino.

Toma por fim o rumo que então te tocou. Vai tecendo a teia que te irá paralizar um dia. Pouco adianta buscares um refúgio. Não há saída possível. No matadouro geral o teu lugar uiva por ti. Neste delírio de imagens e embustes construídos especialmente para travar o ímpeto da tua juvenil curiosidade não sobra espaço para a mágica capacidade de exaltação de quem luta por ser livre. Estás irremediavelmente condenado. Apto para seres reduzido à mínima expressão volativa. Põe a língua de fora. Faz uma careta. Mesmo assim não creio que possas enganar o teu dono. Estás desprovido de qualquer brilho ou humanidade. O teu aspecto geral já pertence ao domínio do abstracto. A coisificação é demolidora. Basta observar as tuas vestes, os olhos perclusos no intangível, o teu cérebro transformado na caixa de ressonância dos mandadores. Donde antes existia a mais ténue esperança cresceu um tumor repulsivo

que tomou conta de ti. Absorveu-te quando tu distraído como sempre jogavas à cabra-cega com o dono da tua vida.

Adoráveis lágrimas a dos desesperados. Os que se recusam destroçar os sonhos de infância. As fadas madrinhas comovidas recusam-se a abandonar o infeliz. No entanto a engrenagem não se detém. Os seus dentes escoados necessitam de lubrificação, o plasma existente em cada um. Sem pressas, a boca deglutinadora aguarda a saída da próxima vítima. Então esse homem, mais um candidato, tudo faz para ganhar um pouco mais de tempo. Abandona a sua posição fetal e procura a razão para sobreviver sem açaimes nem correntes. Como se sente dominado pela esperança aspira a subir a montanha mais íngreme. Existe nele um poderoso fragmento de humanidade. Mesmo ferido pelas suas memórias está decidido a escalar a parede ponteada de lâminas e arestas roladas. No cume espera-o novas dificuldades. Mas lá no cimo o ar que se respira é outro. Puro e sublime. Não se pode fraquejar. Olhar para trás é-lhe fatal. O céu torna-se mais vivo e brilhante. Não haverá tesouros nem honrarias. Mas encontrará por certo motivos para manter essa formidável sensação de liberdade.

Vamos por partes. Nada de respostas evasivas. Os sons que chegam até aqui não me convencem. Tu és a personagem, a sombra que empalidece os demiurgos. Mesmo assim não páras de te babar, gaguejar teoremas e desculpas esfarrapadas. O cheiro do matadouro não te provoca náuseas ou a mínima repulsa. Aceita-lo como se fosse o teu casulo materno. Não tens família, os que te pertencem são uma efabulação. A pequena morte tomou conta deles e tu limitas-te a observa-los com o teu olhar insolente. Então o mistério permanece. Saca do teu saco de dados e vamos jogar. A tua predisposição mantem-se, queres ganhar a lotaria. Defender a honra da tua dama. Não é o perigo de ela te desiludir que te vai impedir de recorreres aos truques sujos para atingir a vitória. Ora, tu não és desses! Quebrar regras que te foram inculcadas ainda tu desfamavas os indefesos e os prosélitos vergados à indiferença do seu deus. Vamos então calar os murmurios e entender o código da tua divisa. O do dinheiro sobretudo.

Tenho frente a mim o branco rosto lunar. Ver-te agora vergado no regresso do teu inexaurível fardo, nem piedade. Tu até consegues sorrir diante daquele placard publicitando soutiens sem sentires uma erecção. Vais ter uma porção de comida para devorar preparada pela tua mulher-abelha. O cansaço vai por certo dobrar uma vez mais a tua ténue resistência às dores que teimam em te devorar pedaço a pedaço. Ainda tens o vomitório do matadouro para te atenuar a lenta agonia. Os filmes

repletos de nulidades que rodopiam na tua cabeça. Adormeces por fim.

Não há mensagem. Não há mensagem ou qualquer tipo de notícia. A flauta mágica está esmagada debaixo dos teus pés. Nem Mozart compôs para os teus ouvidos. Jamais quebrarás o feitiço. E depois existe o tédio, oh! o tédio trabalhado na frágua das tuas entranhas apodrecidas! O tédio! Não o podes ignorar, é como uma segunda pele colada ao corpo. O teu corpo amansado, domado ao sabor do tratador. Pungido pelas macerações da fadiga e depois obeso pelos espelhos côncavos espalhados diante dos anos todos que restam. Galinha frita, hamburgueres e mesinhas enxotadas pelos sovacos dos cow boys da outra linha do teu universo.

Desce da cadeira e não estranhes o chão raso.
Deixa descansar a extensão de ti próprio, a tua arma favorita que te coroa de prazer e insuspeitada coragem nas auto-estradas do estrupo e da morte.

Chegado aqui um parênteses no solipso que tenta escapar-se para debaixo das pedras do seu castelo imaginário.
A roleta das sortes ganha velocidade. Os números incorporados perdem forma e cor. Tudo se torna aleatório. Vozes e imagens dispersas ao acaso. Não existe conceito de ordem desejada ou estabelecida por qualquer tipo de

desejo. O caos estabelece a fronteira. Nada mau. Não raras vezes isso se sucede nas situações mais díspares. Pensando bem, para quê obter um sentido num universo despojado duma finalidade.

A viagem.

Começemos pelo vento que sopra de leste. Os amores loucos trucidados na euforia da libertação e que depois instados a explicarem-se, se revoltam e erguem os olhos ao sol blasfemando contra a publicidade das calças jeans e as fachadas douradas do Macdonald's. Em Bratislava ou Budapeste, em Praga ou Moscovo, a fugaz liberdade suspensa num ticket fornecido pelo FMI.

Ficções. Na História os vencedores têem direito a páginas doiradas. Aventuras e decretos de batalhas, a armadilha é perfeita. Os motivos são indiscerníveis mas de fácil propagação especialmente entre os dormitórios do Homem-massa. Faz parte da arte da dissimulação. Confundir o carrasco do confessor. O importante é que a execução do massacre dos outros seres por outros iguais se façam dentro da normalidade estabelecida pelos padrões da sobrevivência do sistema. Danzing ou Vancover bombardeada são fait-divers. Cada um sabe de si. Wall Street ou Withe House. Ícones de César.

Um problema de interlocutores. Os surdo-mudos. A doença de Parkinson. Sida. Obesidade. E as outras a evitar. O receio de peturbar a digestão da Grande Máquina Deglutinadora. Os encontros fortuitos que fazem as delícias dos vagabundos. Não há metodologia na solidão instalada. Prevalece o acaso. A lotaria de sentimentos. A estatística dos rejeitados não pára de subir. Os exterminadores das coisas simples definem-se a si própios como vigilantes do carácter do Homem Novo.

Mitologias e lendas. Os variados reversos da moeda. Civitas Diaboli.
Contornaste o fundo da mina, aliviaste o arado aos bois, pousaste o martelo e a bigorna repousa no esquecimento. De bom grado aceitas-te ser unidade estatística. O teu mundo passou a ser botões e correias, motores, turbinas, ventiladores e roscas do parafuso sem-fim. Disseram-te que eras o elemento essencial para a criação da novíssima civilização. Na verdade apesar da transformação dos utensílios és o camponês, o pastor, o soldado, o espectador das execuções sumárias. Perante ti exibiram lustrosos cartazes informativos, indicaram-te quão belo é aprender a manejar a forja dos novos milagres, e por artes mágicas do estômago da fábrica saiem os objectos calculados para a tua felicidade. E tu adoraste. De bom grado te entregas á voragem do aço e à mecanicidade a troco dum bilhete para um mundo explêndido repleto de

símbolos e mortes confortáveis.

A cidade encheu-se da multidão. A tua consciência deixou-se embalar. Agora és o ser-objecto. O elemento fulcral de todos os fazedores de ilusões. Por ti eles constroem o espectáculo permanente. És a gota do grande oceano que submerge todo o passado em nome do pragmatismo. Sem memória a manipulação faz-se sem o menor esforço. E o que importa é poupar tempo. Tempo é moeda convertível em mil impulsos de ordens e decisões. Tu não falas. Não podes participar nos concílios dos Orientadores Gerais. São eles que prescrevem a tua dose diária de alimento e alegria. Eles estabelecem com rigor os teus limites e apetites. Olham por ti . Da procriação à exaustão.

Terás a tua dose diária de ódio e banalidade embrulhada na mais sofisticada crueldade. A exploração dos teus apetites formam o óbvio. A prioridade é dada a essa exploração para que a sociedade funcione e tu, depois de enlonqueceres, ficares registado no capítulo dos inúteis. É quando a Tv se desliga.

Ganharás ânimo quando o supérfulo te engrandecer à categoria de notado. Correrás à repartição mais próxima e pedirás um impresso para ditares a tua condição. Será carimbado e engolido pelo olho plenipotenciário do

computador. Dias depois receberás a identificação devida. Sorri, estás na idade da comunicação. Será sempre agradável pensares que és igual aos outros todos, sujeito às mesmas vicissitudes e convulsões da economia e da política. Alguém irá velar por tua vez. Entras por fim no sono da tranquilidade. O espírito do mundo que conheces dominou por fim o Universo. Nada portanto a temer. As instituições que não conheces mas ouviste falar ordenam o teu medo. Para elas tu és a figuração basilar de toda a casualidade existente entre o espectáculo e os seus promotores.

Hologénese

O ser hierático apodreceu na manjedoura depois de séculos de espera. O absoluto lentamente tomou conta das suas acções e cuspiu-o na valeta da História. Deixou de ser o sujeito para passar à categoria de objecto. Da criação e de ser actuante ganhou a categoria de delirante absorvedor de novidades e utilizador de realidades artificiais. As instruções começam por ser dadas na infância. A domesticação ganha contornos demenciais. A realidade é cada vez mais infantilizada. Da banda desenhada à transfiguração da cultura por artefactos audovisuais que excitam o consumidor e o conduzem à passividade hipnótica.

A realidade não é mais irredutível assim como o corpo deixou de ser um involucro ou o sujeito da metamorfose segregada pelos anos. Os cibernautas e Arnold Schwazeneger ilustraram a transformação dum ser redutível e mortal para a imortalidade do aço e da técnica.

O ventre da natureza cabe dentro duma cassete vídeo comentada pelo diligente Costeau. Qualquer semelhança entre uma catastrofe natural e um documentário da National Geographic cabe no campo da ambiguidade relativa à zanga entre deuses e duendes que apesar de não serem fotografáveis subsistem algures na memória remota dos seres ainda não devidamente domesticados. É fácil a sua inclusão no campo dos débeis mentais.

Não existe meio termo quando a imperfeição no cumprimento das regras básicas da domesticação são detectadas pelos capatazes. Num regime de alta competição a penalização é a rejeição pelo sistema e o domesticado tem de aprender a sobreviver na indigência carregando às costas um cartaz com os dizeres: INADAPTADO. Nas grandes cidades começam a abundar seres dentro desta categoria. Já não são estigmatizados. Para os ficheiros centrais eles não existem.

Dentro do espírito de perfeição que os mentores da nova civilização cultivam arduamente nos cursos acelarados de formação espiritual o homem-contemporâneo é estimulado a descodificar os seus pesadelos e desejos recalcados. As suas palavras são registadas e enviadas para as centrais de marketing que depois de exaustivamente analisadas por especialistas são canalizadas para um computador central que em segundos fornece os programas para o fabrico de analgésicos e psicóticos variados que serão depois fabricados em série e vendidos nos locais habituais. Não pode existir dôr ou morte, essa passa por ser uma das grandes preocupações dos encarregados da gestão da felicidade nas grandes metróples. A Tv, uma vez mais, tudo fará para assegurar o seu estatuto de Big Brother.

Os filósofos são preversos. Os poetas uns mal intencionados. Os escritores uns narcisistas depravados, manejadores de dramas alheios sem qualquer escrúpulo. O futuro reside no encadeamento de imagens até ao ponto crucial da saturação. O cérebro tem capacidade para as absorver mesmo sem as entender. O resto cabe aos neurologistas.

Hipérbole catártica

Considerando a coisa em si. O limite e a distância que falta. As fronteiras esgotadas na boca do único túmulo existente. Ninguém se opôem aos vários tipos de suicídio, o alegórico e o verdadeiro. As aparências mantenhem-se fiéis. A deformação da realidade torna-se o objectivo primordial dos sobreviventes à mastigação totalitária. O demonismo presente nas caixas de bonbons e nos siticon de finais felizes. Os simplicismos da dôr e da angústia representados no dia à dia organizado segundo o mandamento da produção. A publicidade levada aos limites da demência. A apologia da beleza quando a fealdade resiste enquanto realidade dos corpos não enformados nas academias da moda e do marketing. Não existem paraplégicos, deformados da taladomida, decepados, ou cegos. As mal formações são categorias demoníacas. O aborto é tabu enquanto valor transitável. A religiosidade do tema está apenas nos masoquistas que gostam de enumerar as hipocrisias para assim se confortarem.

Não tem de existir conexão entre vida e existência. A morte como tal adquiriu uma geografia de valores. A morte dum americano famoso é exponencialmente diferente da morte de cem mil ruandeses.

Contemporaneidade ou holocausto divergem no tempo. Ambas fazem parte da mesma moeda. A ficção há muito que ultrapassou o ser-real. O céu deixou de ser o limite, ganhou apenas o lugar de adereço para os simples que o contemplam no mais contorcido e pungente das solidões. Nietzche escreveu para os pássaros e outros animais. Escusava esfalfar-se por diferenciar aos olhos dos outros a diferença entre a tragédia e o drama da existência dos não-vencidos.

Filosofar passou a ser o fait-diver dos espíritos encadeados pelas luzes da ribalta. O Homem perdeu nas linhas mestras do pensamento actual qualquer importância. Torna-se desnecessário ir aos clubes dos pensadores para o constatar. Mesmo assim as boutades e as verdades comesinhas continuam a dar comida aos pássaros que rodeiam a praça da concórdia. Logo que ela não fique em território árabe ou dum país esconjurado.

Subordinação, sublimação. Razão e coração. Neutrão. Dionísio e a obesidade. Chaplin e Beckett. Não há visão do crepúsculo, o todo e as partes confundem-se, diria, com o propósito de confundir e de impedir o raciocínio, claro e calmo como a corda vibrando da cítera. O irracional desceu dos pináculos dos castelos encantados e tomou conta conta da cidadela. O Príncipe, crivado de dívidas deu a sua amada a uma organização de prostituição de luxo a troco da sua vida. Trinam guitarras e o

coro das carpideiras eleva-se ao céu. Um Air Bus soletra a velocidade com um ruído de fundo, nada mais acontece. O rosto tenso dum homem cuja profissão é controlar entradas e saídas dum centro comercial. Tem um intercomunicador na mão e um jornal de anúncios sexuais noutro. É obeso e apesar de ser um jovem apresenta uma enorme calvice. Eu e um artista de artes plásticas volteamos vezes sem conta umas fotografias de Maplethorpe. Indecência diz num rótulo. Os corpos são exibidos com a crueza sufeciente. Um açougueiro não faria melhor. Depois influenciado pela natureza procuro no interior dum automóvel o motivo de a velocidade registada marcar duzentos e vinte quando bastam cinquenta kilómetros para que ele se suicide. A importância disto é nenhuma. O impressionista não necessita dum cinzel para rasgar a pedra mais dura. A humanidade dispensa sobretudo os olheiros dos seus hábitos. Os defeitos são esterilizados em sacos de plástico côr negra semelhantes aos vomitórios usados nos aviões. Pinóquio é desnecessário. Spilberg é muito melhor. Para os sonhos os surrealistas utilizaram opiáceos e truques vários, depois, Freud meteu o bedelho e tudo desaguou no rio sem regresso. Por entre as brumas o sol desperta e milhões de pessoas correm a apanhar cancros na pele. Os bronzeadores são óptimos e especialmente aqueles cremes inúteis para tudo mas perfumados com o elixir mais rebuscado. A resistência. Todos se riem. As ondas são oleosas e espessas, coloridas a alcatrão e desprezo. É o mergulho na inutilidade e desprezo. Supreendentemente uma criança desenha na areia um

cavalo encerrado num castelo. Enfeita-o com algas e copos de plástico de yogurte que diligentemente o mar lhe vai entregando, onda sim, onda não.

Monólogo do domesticado

Estar aqui e nada vêr, ainda agora vergado pelo dever do ofício, ponto e vírgula como tudo aquilo é insuportável, logo eu que detesto falar seja de quem fôr, as paredes têem ouvidos, se têem, mas as coisas são mesmo assim, odeio estar diante duma máquina muda o dia inteiro, se olho para o lado lá se vai o prémio de produção, seja mijar ou o que fôr, à custa disso lembro-me das mulheres, não há muitas mulheres no meu serviço, e por causa disso, disse uma vez o patrão, como ia dizendo, quando elas estão no periodo menstrual, é só visto, falta mudar o penso enquanto almoçam ou coisa assim, mas a produção não pode parar, essa é a realidade, se o patrão não vende, nós não recebemos, o mundo é cão, se é, bem podia ter estudado umas coisitas, ainda passei por lá, curso nocturno, mas quem gosta de aprender caligrafia às dez da noite, o sono e o cansaço a dar cabo do corpo e dos olhos da gente, desisti, agora nada feito, sou mula velha, sem idade nem propósito de andar carregado de livros. Se soubessem bem a minha vida, dura como tudo, a pé desde a seis da manhã, correr para a camioneta e

depois o autocarro e depois do comboio, sempre são cinquenta kilómetros desde o meu bairro até ao escritório, não há outro remédio, é aguentar a bucha, e ninguém olha pela gente, essa é que é , apenas se lembram que existimos nas vésperas das eleições, depois é sempre a mesma maldita rotina, este inferno e nenhum ministro se lembra, ao menos mais transportes, ou o que for, não sei, eles desprezam quem trabalha, lidam com conversas e o poder, e nós, os galegos a mourejar, ainda ontem cheguei a casa, a mulher anda insuportável, é da menauposa, não pode ser, ainda é nova para isso, mas anda irritadiça, agora são os livros para o catraio ou dinheiro para uma fritadeira que a outra avariou-se e não há tempo para pôr uma frigideira ao lume, jantar, jantar o quê, só a partir das dez da noite sim senhor, nem tempo para as telenovelas, eu adoro telenovelas, fazem-me rir e sempre se vê umas coxas de jeito, mas o maldito horário, os transportes, quero lá saber do catraio ou do rendimento escolar, essa é boa, nem tempo para dormir, nem ao fim de semana, tenho o carro para lavar e o jogo ao domingo à tarde, porra um tipo mata-se a trabalhar, já mediram os kilómetros bem medidos, mudem a capital para outro sítio, é esta merda de país, quantas vezes já jurei, isto era pegar numa bomba e desfazê-los a todos, aos papagaios que estão em S. Bento, mal por mal ao menos o salazar não era tão ostensivo, era remediado como eu, e agora, não se vê obra nem uma, mas que adianta protestar, é vê-los nos debates, a rirem-se dos que lhe dão o sustento, as coisas nunca estiveram assim tão negras, bem nos queixamos, por outro lado temos de

fazer pela vida, as prestações não esperam e o miúdo vai mudar de escola para o ano, só para livros são seis meses de quotas para o clube, e ele não estica, ainda em Janeiro fui ao médico, hipertensão e stress, andei três meses a xanax e lexotan, a minha mulher riu-se por me vêr cabisbaixo nas partes baixas, não sei donde lhe vem tanto tesão, tenho vergonha confesso em dizê-lo mas ela já não me desperta se bem me entendem, os verdes anos foram-se num ápice e anda por aí tanta mulher boa, mas não é a minha, coitada, esfalfa-se a trabalhar lá nos confins num condomínio fechado para os ricos, trás umas croas ao fim do mês. Agora tem as coxas cheias de varizes, os queixais estão podres de tanta sande de marmelada, foi o que lhe disse o dentista, quer tira-los, vai levar o seu tempo, o dinheiro não chega para tudo, qual cabeleireiro, vai à Agustina, a que mora por cima do supermercado, é muito habilidosa e não leva caro, eu por vezes quando regresso atolhado no comboio penso no suicídio, uma coisa leve que me falta coragem para tal, mas penso, oh se penso, isto é difícil de suportar, sempre existe pior, é certo, bem vejo na televisão, aquela fome em África, as bombas no mundo inteiro, ao menos aqui neste canto, nada acontece graças a deus, parecemos um cemitério abandonado cheio de mato e silvas mas ao menos os mortos descansam em paz. Já me passou cada uma pela cabeça, mas sou pouco dado ao desabafo. Os meus pesadelos então não se fala. Gostava um dia em pegar numa caneta e papel e então sim que romance, sabe-se lá , até poderia dar um filme, filmes que são das poucas coisas que aprecio, gosto

muito, mas agora eles são muito fantasiados, prefiro ir aos porno aos Sábados à noite, por vezes adormeço, outras fico excitado a um ponto que quando apanho a mulher nem quero saber se ela comeu alho ou não, esteja acordada ou a dormir, um tipo não é de pau, vá digam-me os prazeres da vida, mas agora, com esta canga ao pescoço não pode ser, isso era antes, lá quando era novo e para mim o mundo estava por minha conta. E depois dizem que sou um nariz de cão, um insociável, a vida prega-nos cada uma, vai-nos à coragem e dobra-a pelos quadris e depois é que são elas. Ficamos indefesos, atordoados. Casamos e nascem as responsabilidades, oh se são, vida negra como se diz, mas que havemos de fazer, não vou andar por aí a vagabundear, ser um esfolado sem eira nem beira. Eu tenho cá as minhas ideias mas não vou estar a pregá-las por dá cá aquela palha, o cristo morreu à dois mil anos e olhem que os candidatos não são assim tantos. Uns foram feitos pra mandar outros para obedecer, o importante é sermos uns cidadões honrados, a honradez é tudo, já o meu pai dizia, ainda me lembro quando o meu cunhado se pôs com manobras e montou uma oficina de pintura de automóveis. Tanto consertava um pára-choques dum carro roubado como duma ambulância, apanhou três meses por ocultação de provas, ai não, nada como um tipo ser honrado. Mesmo assim tenho esperança que a coisa mude, ainda me faltam uns anos para a reforma, quando lá chegar e tiver saúde, darei uns belos passeios e terei tempo para lêr os livros que ando a colecionar com muito sacrifício. A esperança é a última a morrer, se a perdermos passamos

a olhar a morte com outros olhos, é vêr a quantidade de drogados que rolam pelos passeios, eu não vou em tretas, tenho até as ideias bem alinhadas. Lá no emprego quando me querem aborrecer pegam no meu hábito de criticar o que acho mal, ora criticar o mal é uma qualidade, devemos de criticar tudo se não passamos por parvos, eu não gosto de passar por parvo, se bem me estão a entender. O que verdadeiramente receio é estar só, sentir-me só, para isso sempre existe o futebol e os amigos para as farras, mas não a esta hora, quando a gente que trabalha palita os dentes e calça as pantufas. Amanhã, amanhã lá estou no mesmo rambe-rambe. O que é preciso é manter a esperança.

Oh a esperança, o espectro do senhor godot que li algures a obrigar-me a recordar aquelas páginas áridas e secas como palha. Era o que me faltava. Estou confuso, muito. Será da sonolência ou deste estado de semi inconsciência, agora apelar à salvação quando me encontro neste estado, cão árido, sem terra nem beira, montículos de ossadas dos precedentes. Mas não pensem que me vou vergar, morrer ou coisa assim. Ninguêm manda para a morte quem pretende salvar. Sou antes de tudo um homem de fé. Ora a fé mantem-nos vivos, ter à mão velas escarlate para iluminarr o caminho, dão sorte estes rituais de iniciação, disseram-me um dia, depois da comunhão solene, creio. Os truques salvam-nos, mesmo quando me perguntam em que partido votei, naquelas sondagens pelo telefone, nada digo, adi-

vinhai penso logo. O importante é não incomodar ninguém. Negar sempre quando me sinto apertado por questões difíceis; que não, não senhor eu não o conheço de lado nenhum, quem se julga para se intrometer na minha vida, e por aí fora. Mas tenho de confessar, este espaço está viciado, pressinto-o, cheira-me a armadilha. Olhem o que digo, agora mesmo à minha frente, um homem cruxificado como cristo exibe umas chagas enormes, dantescas. Volto a cabeça, esta, contra a dôr e a imagem. Nada que nada, ela permanece imóvel apenas girando acompanhando o movimento dos meus olhos. Obriga-me a fixar o olhar na imagem do cruxificado, querem vêr, o torturado está ali por culpa minha, a história é velha, basta-me de infelicidade da tortura de não ter encontrado o fim de tudo isto, ter agora de rememorizar coisas antigas, os pesadelos da culpa e ter de me defrontar com os juízes saídos de parte nenhuma. Prefiro assistir ao girar do mundo do que ser circuncizado pelo pecado eterno, era o que me faltava, bastam-me os heróis empalitados na sua indiferença, habitando o vazio das igrejas e dos santuários. Este sôco no estômago era dispensável, nem os meus apelos à misericórdia de quem manipula este mecanismo. Deixem os meus medos, os meus apelos contra os temores que me aprisionam nos momentos decisivos. Sou frágil, bem se entendem, nada de heroísmos, os medos são ancestrais, tudo se assemelha a um pesadelo, uma terrível maldição, como diria o Carl Sagan naquele programa da tv, mas que querem, eu não tenho defesa possível, aqui neste descampado, sem saída possível, só este caminhar em

frente, sem rota nem destino. Abro as mãos, só palavras roçadas nos cardápios da aflição, palavras roídas nas pontas, inutilizadas no consumo doméstico, entendem não é, desperdiçadas em milhentas tentativas, gastas como tudo, rôtas tal o uso.Já tenho os dedos encarquilhados na busca duma aresta, uma fraga para me segurar. Não serão palavras que me irão trazer a salvação, mas nada há mais para inventar. Os apelos estão sepultados. Os microfones foram desligados. Ouve-se um gorgorejar de estranhos monossílabos vindos das profundezas da terra, por certo de alguêm sepultado, ora, mortos não falam, interessava-me o imediato, o que está a seguir, o político do alto do palanque, o filósofo refostelado na sua sapiência a apelar à minha salvação, isso sim. Olhem até o meu patrão que descontados os seus defeitos inerentes à sua condição de humano até não é mau diabo. Agora o que pretendo é não gemer mais, resistir o mais possível, até fazer golpes na carne, ficar como aquele ali, o suplicado na cruz que deus o tenha que era seu filho. Nunca pensei desejar tanto vêr alguêm, alguêm por perto, ter atenção ao que digo, vêr-me neste estado e livrar-me desta punição. Até perdi o azimute, a fronteira da decência, mijar-me todo, pronto, até sou o cordeirinho e lá vou a balir indefeso pela encosta abaixo, manso de todo, olhos resguardados do pecado, a assobiar o hino nacional ou outra melodia apelativa, todo direito, rabo entre as pernas de mãos a abanar. Sou eu, ou julgo que sou, já não sei, a caminhar, pé ante pé, pouco mais falta depende da oportunidade. Eu sempre fui fraco nas oportunidades. Ou eram testes psicotécnicos ou cunhas para

obter aquele lugarzinho. Mas eu conheço bem as minhas limitações, nunca aspirei aos altos cargos da bajulice, não senhor, sou um cidadão honrado, também não me vendo por um prato de lentilhas. A minha cunhada acha que sou um fraco, ora, um fraco saído da boca dela, que já teve mais amantes que maridos, ainda bem que não se casou pela igreja, era uma vergonha total para não falar da burocracia que havia de lhe entupir a boca do corpo para não sentir tanto ardiume, mas lá estou eu a falar dos outros, quem me mandou, ainda à momentos me queixei, na verdade não há muitos anos pensei-me escritor, não daqueles que se estiolam em motivos do género bolacha de baunilha, um verdadeiro cronista destes anos todos que me passam perante os olhos, eu sentadinho a anotar as memórias e as paisagens e depois dobrá-las ligeiramente até ficarem espessas o suficiente para serem publicadas. Oh quem não gosta de escrever sobre a sua história pessoal, todos, todos, então a minha seria um best seller, mesmo aqui juro, são tantas as chagas a afligir, um altar delas a bem dizer. Agora caminhar assim, direita, esquerda, em frente, para os lados, oh senhores, condescendei, mas que maldição, seria alguma coisa que disse levianamente, mas não foi por ofender, longe de mim, eu jamais protestei acerca da minha condição, foram desabafos. Então a minha cabeça, como me dói, cada vez mais pronta a revelar-se, a vomitar tudo, um esforço mais, um esforço mais. Será que tudo isto tem a haver com os passos dados na minha adolescência, mas compreendam, era ainda uma criança, permeável a tudo, capaz de rejeitar todas as instruções e

mandamentos, de renegar os pais fosse caso disso, oh somos muito maleáveis por essa altura, plasticina pura, o pavôr sentido por tudo que estava já feito, uma cretinice, dizem muito bem, mas que fazer, passem para este lado, olhem o labirinto e digam-me alguma coisa. Agora tudo é diferente podem crer, estou pronto a aceitar tudo, um ser absolutamente normalizado, incapaz de arranhar a teia mais espessa que se me apresente pelo caminho, oh logo eu, não quero sarilhos, era o que me faltava, chegado a este ponto é o descanso que pretendo quando não há escolhas tudo é definitivo, tudo o resto é reduzido à categoria do imprevisível, compreendo muito bem, sou um cidadão de pleno direito. Eu deveria ter esperado até me sentir pronto a enfrentar o vazio, o vazio, nem sei o que é. Como odeio disparar aqui mesmo os queixumes, um homem quando chora é sozinho. Agora se bem me entendem pretendo libertar-me deste labirinto. Chegado a este ponto, confesso eu sou um ser normalizado, despido de tudo, total, cru, número, estatística, tudo o que pretenderem. Por mim nada custa, conheço o sabor do sacrificio, sinto-me pronto a dormecer, isto não vai custar nada, pelo contrário que delícia de sensação de alívio. Não deveria ter aceitado isto, esta provação. Não estou em condições de aceitar o vazio, tudo dentro de mim dilui-se com facilidade. Agora que desci tanto, bati no fundo, tudo é fugaz como um paladar, fui levado à certa. Mas terá tudo que ser assim, tudo parece tão definitivo. Oh parece-me ter escutado um gemidos, suplicantes como eu suponho, serão muitos, pois, a supresa é tudo, que posso dizer,

vivo no que acredito, crédulo pelo que me apresentam, não me pagam para pensar em tudo, na verdade tenho o tempo ocupado nesta labuta estúpida, mas que fazer, o pão está pela hora da morte, esgotei à muito a paciência, ora a paciência, neste inferno, venham até aqui. O tempo está prestes a esgotar-se. Alguém do outro lado espera-me. Irá medir-me de alto a baixo, farejar os miolos, quero mesmo confundir-me com a multidão, deixem-me passar, aqui sufoco, desisto de espreitar pelas fechaduras, fecho éclair na boca, nome limpo da caderneta dos maus costumes. Assim mesmo, despido de tudo, entrar lentamente para este cantinho tão acolhedor, e tantos que já cá estão, ora, aonde é o meu lugar, naquele buraco, sim senhor, no estado que me encontro aceito tudo, serve na perfeição. Então cá estou, é este o fim do pesadelo, um lugarzinho à minha medida, nem finito nem esperança. Sento-me e alguém, um homem muito velho pergunta-me pelo número da senha, tantos de tal, respondo-lhe, ele abana a cabeça e afasta-se sorridente. Então o senhor é o tal que, sou eu mesmo, nota-se assim tanto, não por amor de deus, vai vêr como aqui não existe sonhos nem pesadelos, depois a morte encarrega-se disso, não haverá mais supresas, ora pois, então com a vossa licença.

EDIÇÕES MORTAS